



## TRISTE SEPARAÇÃO: HISTÓRIAS DE AMOR RETRATADAS NAS ESCULTURAS PROFANAS NOS CEMITÉRIOS PAULISTANOS

Viviane Comunale

Mestranda Artes Visuais – UNESP

**RESUMO:** Durante o século XIX a sociedade apresentava um comportamento diferente dos dias de hoje, principalmente quando falamos da morte. Os enterramentos aconteciam dentro das igrejas, e estavam a cargo das Irmandades Religiosas ou da Santa Casa de Misericórdia sem a preocupação de como esse corpo seria enterrado. Com a proclamação da Lei Régia de 1º de outubro de 1828 que recomendava que os enterramentos fossem feitos fora das igrejas, iniciou-se a construção dos cemitérios extramuros nos arredores das cidades. Em São Paulo destacamos os cemitérios: Santo Amaro com o primeiro enterramento em 1857 e o Consolação em 1858, dentre os mais antigos da cidade. Nas décadas finais do século XIX, os túmulos passam a ser ornamentados em sua maioria como símbolos cristãos, mas os campos-santos passaram a receber também obras profanas para encomendadas pelos familiares com o objetivo de eternizar a memória deste indivíduo. Esta comunicação pretende analisar quatro obras tumulares profanas presentes nos cemitérios paulistanos.

**Palavras-chave:** Alfredo Oliani; Arte tumular; Cemitérios; Escultura; Leopoldo e Silva; Nicola Rollo

**RESUMEN:** Durante el siglo XIX la sociedad tenido un comportamiento diferente de hoy, sobre todo cuando hablamos de la muerte. Los entierros tuvieron lugar dentro de la iglesia, y estaban a cargo de las Hermandades Religiosas o de la Santa Casa de Misericordia sin la preocupación de cómo sería enterrado este cuerpo. Con la proclamación de la Ley Real de 01 de octubre 1828, que recomienda que los entierros fueron hechos fuera de las iglesias, se inició la construcción de cementerios extramuros en las afueras de las ciudades. En Sao Paulo hincapié en los cementerios: Santo Amaro con el primer entierro en 1857 y de la Consolación en 1858, entre las más antiguas de la ciudad. En las últimas décadas del siglo XIX, las tumbas están decoradas principalmente como símbolos cristianos, pero

camposantos ahora también reciben obras profanas comisionados para la familia con el fin de perpetuar la memoria de este individuo. Esta comunicación es examinar cuatro profano presentes obras de tumbas en cementerios São Paulo.

**Palabras-clave:** Alfredo Oliani; Arte funerario; Cementerios; Escultura; Leopoldo e Silva; Nicola Rollo

Quanto ao resto, sinto-me aqui perfeitamente bem. A solidão, neste verdadeiro paraíso, é um bálsamo para o meu coração sempre fremente, que transborda ao calor exuberante da primavera. Cada árvore, cada sebe forma um tufo de flores, e a gente tem vontade de transformar-se em abelha para flutuar neste oceano de perfumes e deles fazer o único alimento. (GOETHE, 2006:2)

## Introdução

Durante o século XIX a sociedade apresentava um comportamento diferente dos dias de hoje, principalmente quando falamos da morte. Os enterramentos aconteciam dentro das igrejas, e estavam a cargo das Irmandades Religiosas ou da Santa Casa de Misericórdia. Conforme atestam, pois, os documentos da época ao tempo dos enterramentos nas igrejas, usavam-se depositar o corpo diretamente na sepultura, sem o caixão funerário (LOUREIRO, 1977:33).

Com a proclamação da Lei Régia de 1º de outubro de 1828 que recomendava que os enterramentos fossem feitos fora das igrejas, iniciou-se a construção dos cemitérios extramuros nos arredores das cidades. Em São Paulo destacamos os cemitérios: Santo Amaro com o primeiro enterramento em 1857 e o Consolação em 1858, dentre os mais antigos da cidade.

Nas décadas finais do século XIX, os túmulos passam a ser ornamentados com símbolos cristãos, como por exemplo a presença de uma lamparina junto ao jazigo representando a purificação da alma, uma guirlanda repleta de flores referenciando o triunfo da vida sobre a morte ou uma Pietá segurando seu filho Jesus morto trazendo o desejo daqueles que ficam que o ente que partiu tenha a sua alma bem recebida do outro lado. Posteriormente surgirão outros tipos de esculturas encomendadas pelos familiares com o objetivo de eternizar a memória deste indivíduo.

Mesmo com toda a beleza ornamentada sobre os túmulos, esses espaços não serão bem vistos pela população, nos dias de hoje esses espaços são marginalizados:

Nada mais polêmico, no imaginário popular, de que vem carregada a palavra cemitério. A associação é óbvia: tristeza, desolação, angústia, perda, local de reverenciamento a entes queridos, lugar aonde se vai “uma vez na vida e outra na morte”. Ou ainda, a imagem é ainda mais negativa relacionada a adjetivos como medo, pavor, morbidez, lugubridade, para não citar a ligação ao movimento gótico ou mesmo a rituais macabros (OSMAN; RIBEIRO, 2007:2)

Situação diferente encontrada na Europa, onde os cemitérios além de espaços para os enterramentos, oferecem um espaço para o lazer da população local e roteiros atrativos e para os turistas que o visitam. Um exemplo é o Père-Lachaise um dos cemitérios mais famosos de Paris recebe diariamente “mães com bebês, animados estudantes, casais de namorados, aposentados e, claro, turistas e mais turistas (OSMAN; RIBEIRO, 2007:2) ”.

### **As histórias de amor retratadas em esculturas profanas**

Além das esculturas cristãs encontramos nesses espaços “monumentos construídos a intenção de manter a memória”<sup>602</sup> dos indivíduos, em muitos casos a construção de obras sagradas permitiam a aproximação com a religião e a remissão de todos os pecados terrenos.

O autor Mircea Eliade (2010:159) escreve sobre esse ritual onde o enterramento está ligado com o “sair do ventre, ou da cabana tenebrosa, ou da tumba iniciática, equivale a uma cosmogonia”, proporcionando o renascimento deste indivíduo.

Voltemos aos cemitérios paulistanos, passeando por suas alamedas encontraremos diversas histórias retratadas em esculturas tumulares: de amores impossíveis a traições, eternizadas pelas mãos de desconhecidos artesãos italianos ou de artistas acadêmicos que vinham se destacando na arte brasileira.

Para contar essas histórias, escolhemos quatro túmulos e seus conjuntos escultóricos presentes em dois cemitérios da capital: Consolação e Necrópole São Paulo, projetados por artistas de renome na arte como Leopoldo e Silva (1879-1948), Nicola Rollo (1889-1970) e o (des) conhecido Alfredo Oliani (1906-1988).

---

<sup>602</sup> Termo criado pelo historiador Pierre Nora no livro *Les Lieux de Mémoire*

## O ponto de interrogação

Aluno do escultor Amadeu Zani na Escola de Belas Artes de São Paulo, Leopoldo e Silva (1879-1948) se destacou na instituição pelo seu estilo artístico. Recebeu uma “bolsa de estudos do Governo do Estado a fim de se aperfeiçoar em Roma” (LEITE, 1995, p. 39)<sup>4</sup>. Foi aluno do italiano Arturo Dazzi (1881-1966) em Roma.

Por idealizar obras conservadoras, não participou da *Semana de Arte Moderna* em 1922. Participou da *Exposição Geral de Belas Artes*, no Rio de Janeiro, com 14 obras, sendo agraciado com uma pequena medalha de ouro.

A forte influência de Auguste Rodin proporcionou ao artista a oportunidade de esculpir nus como uma forma de exaltação ao corpo belo e perfeito.

[...] é nos opulentos nus de mulheres que a arte do irmão do arcebispo atinge suas mais altas realizações artísticas – na linda *Lucífera* de linhas cantantes em sensual postura, na *Esposa da Morte (Jandira)* em sua forte composição fechada, na *Marabá*, de tão bela solução plástica, na *Safo* ou na *Aretusa*, nas duas ou três provocantes fêmeas desnudas jazendo por terra, naquela mulher estilizada quase *Art Decó*, a mais moderna e ousada, enquanto forma, de todas as que concebeu o artista. (LEITE, 1995, p. 40).

O artista executou diversas obras que se encontram em espaços públicos, porém, vamos analisar, as executadas nos espaços sagrados.

Sua sensibilidade permitiu criar uma escultura curiosa, que hoje adorna o túmulo da Família Piza, no Cemitério da Consolação, a *Interrogação*. Esta maravilhosa escultura em granito retrata uma jovem nua em um profundo sentimento de pesar. Uma homenagem do escultor ao brilhante advogado Moacir Piza, (1891-1923), que se suicidou depois de matar a sua ex-namorada Nenê Romano (1897-1923), cujo nome verdadeiro era Romilda Machiaverni (era conhecida também por Lina Machiaverni). (MENDES,2011).

De origem humilde, essa imigrante italiana trabalhou como costureira no bairro do Brás, mas a sua beleza a tornou uma conhecida cortesã da cidade de São Paulo. Os homens a amavam, mas as mulheres a odiavam.

Um dia, Nenê Romano foi atacada por “dois jagunços”, de uma rica família de cafeicultores, a mando de uma jovem que estava enfurecida com o assédio de seu

namorado à cortesã. Levou uma navalhada no rosto no atentado de 1918, que a desfiguraria. (MENDES,2011).

O caso foi parar na polícia, mas, dificilmente, uma cortesã ganharia o processo contra um membro da elite cafeeira do Estado. Nenê Romano, então, contratou o famoso advogado Moacir Piza para representá-la no processo. Porém, a sua beleza fez com que Piza se apaixonasse por ela. Namoraram por dois anos, logo Nenê se desinteressou de Moacir e rompeu o namoro.

Moacir Piza foi procurá-la na noite de 25 de outubro de 1923, na tentativa de reatar o relacionamento. Ela estava de saída. Ele insistiu para que ela entrasse no táxi, para conversar. Na esquina da avenida Angélica com a rua Sergipe 155 matou-a com quatro tiros e matou-se em seguida caindo sobre ela. (MENDES, 2011).

Mas o que de fato aconteceu dentro desse táxi? Por que um homem tão brilhante como ele cometeu tamanha sandice assassinando a sua amada? Rejeição? Ciúmes? Todas essas interrogações foram materializadas pelo escultor e convidam o seu observador a refletir sobre essa história de amor que, infelizmente, terminou de maneira trágica.

### **A lenda grega**

Nascido em Bari, na Itália, Nicola Rollo (1889-1970) partiu cedo de casa com destino a Roma. Seu objetivo era estudar Escultura com Ângelo Zanelli (1879-1942) e com o mestre Arturo Dazzi (1881-1966), que também foi professor dos artistas Leopoldo e Silva e Victor Brecheret.

Em 1913, Rollo desembarca no porto de Santos e segue para a cidade de São Paulo. A pesquisadora Maria Cecília Martins Kunigk (2001) descreve:

Sobre seu período inicial no Brasil, não há registros explícitos ou reveladores. Sabe-se que seus primeiros anos em São Paulo foram de muita dificuldade financeira e muito empenho para estabelecer-se no novo país, mas que o espírito inquieto e rebelde de seus 24 anos, facilitaria sua adaptação à vida paulista, que se abria em possibilidades promissoras a estrangeiros que aqui desembarcavam, na esperança de trabalho e sucesso. (KUNIGK, 2001, p. 46).

Nesse período milhares de imigrantes continuavam a chegar nos portos brasileiros, em busca de uma melhor condição de vida, e a cidade de São Paulo estava

preparada para empregar essa mão de obra, principalmente os artistas e artesãos que chegavam aos montes na Capital.

Assim como outros artistas, Nicola Rollo, além de participar de concursos para a construção de monumentos públicos, trabalhava com encomendas “quatro décadas de trabalho, que mesmo de poucos exemplos, desvelam o valioso conteúdo artístico [...]” (KUNIGK, 2001, p. 150). Grande parte de sua obra tumular foi executada, entre as décadas de 1920 e de 1930, recebendo a influência da *Art Decó*. Analisaremos a seguir uma obra do artista, localizada no Cemitério da Consolação.

A *Lenda grega* foi encomendada pela Família Trevisioli, o túmulo em *Art Decó* conta a história mitológica de amor entre o jovem Orfeu e a ninfa Eurídice. Apaixonados, casaram-se, mas pouco tempo depois Eurídice foi morta pela picada de uma cobra.

Inconformado com a morte da sua musa, Orfeu decide descer ao submundo. Enfrentando diversos perigos e contando somente com a ajuda de sua lira, ele chega até o reino dos mortos. Frente aos deuses Hades e Perséfone, Orfeu conta a sua história e pede para que lhe devolvam Eurídice. Caso não fosse atendido, ele próprio ficaria no submundo. Comovidos os deuses devolvem Eurídice a Orfeu, porém ele não poderia olhá-la antes de atingir o mundo superior. Com medo de ser enganado, Orfeu virou-se para a amada e, nesse exato momento, uma força invisível levou Eurídice de volta para o submundo.

O monumento executado em linhas retas utiliza como material principal o granito rosa. Nos elementos de ornamentação o artista utilizou o bronze.

À frente, deitada e inerte, Eurídice, entregue à morte, descansa sobre o túmulo, coberta por um fino manto que desvela o seu corpo. Sob Eurídice, um ornamento em bronze e baixo relevo: nele um anjo estilizado guarda a pobre alma.

Nas laterais do túmulo, foram esculpidas quatro cabeças estilizadas que sustentam os blocos laterais com o nome da família gravado em baixo relevo. Na parte central a escultura do jovem Orfeu. A figura masculina segue representada de forma contorcida e viril. Orfeu, lamentando-se pela morte da amada, com o braço esticado

à frente parece oferecer a sua harpa aos deuses, talvez na tentativa de reaver Eurídice novamente.

Não temos informações que comprovem que a escolha dessa história serviu para retratar uma tragédia familiar, mas podemos comparar o sentimento de pesar pela separação dos amantes a nossa própria dor ao perdermos uma pessoa amada.

### **Triste separação**

Durante uma visita à Necrópole São Paulo, fotografando as obras de Victor Brecheret para a composição de um artigo, encontramos um amplo conjunto escultórico em bronze e granito, na entrada lateral do cemitério. O túmulo pertence à Família Giannini, com uma base em granito preto feita pela Marmoraria Casa Maia, e adornado com quatro esculturas em bronze projetadas pelo artista Alfredo Oliani.

No local encontramos os nomes de Emílio Giannini (1884-1946) e Maria Clara de Mello Barreto Giannini, sem referências sobre o seu nascimento: o único registro encontrado é do seu falecimento, em 1974.

Existem poucas informações sobre a construção desse monumento. Recentemente, em pesquisa às obras de Oliani, levantamos que esse conjunto escultórico data de 1948, portanto dois anos após o falecimento de Emílio Giannini. Acreditamos que a alegoria foi encomendada ao escultor pela viúva Maria Clara, querendo expressar a sua dor pela perda do amado. É provável que ela tenha se inspirado em outra obra feita por Oliani, instalada no mesmo cemitério. Trata-se do túmulo da Família Cantarella que abriga o conjunto escultórico *Último adeus*, que abordaremos mais à frente.

O conjunto escultórico é grandioso, formado por uma base de granito que serve de suporte para as quatro figuras em bronze. Nela temos uma jovem em prantos que se apresenta inconsolável pela perda do seu amado jogando-se a frente, tentando tocar pela última vez a mão do seu falecido. Mais à frente temos o corpo do jovem sem vida que é carregado por dois homens vigorosos e nus.

Ao executar o conjunto escultórico para a viúva Maria Clara, Oliani se arriscou a não ser bem visto pelos mais conservadores, afinal sua escultura seguia a linha profana dentro de um espaço sacro.

A composição desta obra dialoga com o espectador, trazendo à tona um turbilhão de sentimentos. Novamente a precisão dos detalhes transforma *Triste separação* em um conjunto escultórico inesquecível, principalmente pela riqueza de detalhes.

### **Último adeus**

Na Necrópole São Paulo, outro conjunto escultórico em bronze, de extrema beleza, atrai a atenção daqueles que passam pelo cemitério. A obra foi intitulada *Último adeus* e adorna o túmulo da Família Cantarella.

O professor de Sociologia José de Souza Martins (1938) publicou um artigo no *Caderno Metrópole*, na seção *Tesouro paulistano* do jornal *O Estado de São Paulo*, em 2006, e comenta sobre essa história:

[...] Antônio Cantarella veio da Itália já casado com Maria. O amor dos dois é lendário na família. Antônio imigrou rico e se estabeleceu em São Paulo como comerciante e proprietário. Se deixou bens, não sei. Ele e Maria deixaram mais que isso, a lenda de sua paixão sobrepondo-se à própria morte. (MARTINS, 2006).

E com certeza o amor de ambos era algo muito mais forte. O que de fato sabemos é que Antônio (Nino) faleceu às vésperas do Natal de 1942, com 65 anos, e, para eternizar o seu amor pelo marido, Maria colocou o epitáfio: “Ó Nino, meu esposo, meu guia e motivo eterno de minha saudade e de meu pranto. Tributo de Maria”.

Ao que tudo indica o túmulo como conhecemos hoje foi erguido alguns anos depois. Coube a Oliani desenvolver o conjunto escultórico em bronze e à Casa Maia desenvolver o suporte da obra. Ele pode ser visto de vários pontos do cemitério, o que nos leva a comparar sua obra com o trabalho de Rodin, segundo Mauclair (1905, apud WITTKOWER, 2001, p. 251) Rodin “[...] desejava que a estátua se erguesse totalmente livre, e pudesse ser observada a partir de qualquer ponto.

A obra traz um homem nu e vigoroso ajoelhado ao lado de uma linda jovem, inerte e coberta por um manto. O homem envolve a jovem em seus braços para um último



beijo, uma despedida dolorosa para um casal apaixonado. Esta alegoria representa o amor incondicional do casal. Martins escreve:

A esposa, sobrevivente do casal, pede ao artista uma escultura que celebre abertamente o sentimento profundo de sua união com o marido, reconhecendo-o ainda vivo em sua vida, depois dele morto, e ela própria morta sem a companhia dele. Não reluta na confissão de sua paixão. (MARTINS, 2006).

O conjunto traz diversas referências como as junções dos braços formando uma cruz grega, representando o ideal cristão, mas a referência mais marcante é o beijo apaixonado dos amantes, certamente inspirado na obra *O beijo*, de Auguste Rodin. Outro exemplo de referência a *O beijo* é o túmulo da Família Mancini, no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte; feito em mármore preto contrasta com a escultura plana feita em gesso.

Um casal vestido com túnicas, lembrando a cultura greco-romana, está representado com as mãos entrelaçadas; o homem beija ternamente a mulher. Sobre a escultura os dizeres: *O último beijo de despedida para a eternidade*. Certamente essa obra escandalizou a sociedade da época, não por traduzir o amor incondicional dos amantes, mas por explorar a sensualidade e a beleza do corpo humano, e com certeza inspirou a construção de outros monumentos com o mesmo tema, como por exemplo o túmulo da Família Giannini, abordado anteriormente.

### **Algumas considerações**

Mesmo sem fontes históricas para corroborar nosso relato identificamos que essas obras profanas executadas para estes espaços, certamente chamaram a atenção pela sua composição, mas também pelas histórias que elas contavam.

O mesmo vale para as obras do artista Alfredo Oliani, que durante o seu período de estudo na Europa deve ter se inspirado no método aplicado pelo escultor Auguste Rodin.

Rodin fazia diversos esboços em barro para representar o movimento (Wittkower, 2001). Ele não gostava da escultura acadêmica, para ele esse tipo de obra não permitia a visão do todo. Executava diversas obras com nus, para que elas fossem admiradas pela beleza da forma. Acreditamos que sua obra possa ter influenciado Oliani na criação do conjunto escultórico.

Após a morte do poeta francês Victor Hugo (1802-1885), Rodin executou um monumento em sua homenagem. Nele podemos ver o poeta nu sobre as rochas, meditando. Na base da escultura encontramos a assinatura de Rodin (A. Rodin), exatamente igual à assinatura adotada por Oliani.

Depois de conhecer essas histórias, esperamos que você leitor possa fazer uma visita ao cemitério de sua cidade agora com um outro olhar, o cemitério não é só um lugar de tristeza, pode ser também um lugar de aprendizado da história da sua cidade e por que não a sua própria história.

Aventure-se e descubra novas histórias.

#### **Bibliografia:**

4 LEITE, José Roberto Teixeira. Leopoldo e Silva. In: ARAUJO, Emanuel, (Org.). **Expressões do corpo na escultura de Rodin, Leopoldo e Silva, De Fiori, Brecheret, Bruno Giorgi**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1995

COMUNALE, Viviane. A presença de Victor Brecheret na arte tumular em São Paulo. In: **II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí-** 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Hedra, 2006. p.2

LOUREIRO, Maria Amália Salgado. **Como nasceu o serviço funerário**. São Paulo: Secretária de Serviços e Obras da prefeitura do município de São Paulo, 1977. p. 33

MARTINS, José de Souza. **Tesouro Paulistano**. Estado de São Paulo. São Paulo 28 out.2006

OSMAN, Samira Adel; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. **Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo**. Licere. Belo Horizonte: v.10, n.1, p.2 abr.2007

Fontes eletrônicas

MENDES, Eli (2011). A cortesã mais linda da cidade. Disponível em:  
<http://www.laboratoriodetemas.com/2011/11/cortesa-mais-linda-da-cidade.html> .

Acesso 01.out.2013

*Orfeu e Eurídice*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$orfeu-e-euridice](http://www.infopedia.pt/$orfeu-e-euridice) Acesso em 30.set.2013